

HOMENAGEM AO PROFESSOR OCTAVIO BUENO MAGANO

*Estêvão Mallet**

Octavio Bueno Magano foi uma das pessoas mais extraordinárias que conheci. Como professor, nunca se limitou a apresentar, de modo formal e rotineiro, a disciplina em que se especializou, o Direito do Trabalho. A despeito de suas numerosas ocupações, decorrentes do amplo reconhecimento que obteve, no Brasil e no Exterior, dedicou-se intensamente e com seriedade ao Magistério. Mesmo depois de atingir o mais elevado grau na carreira acadêmica, tornando-se, por concurso público, professor titular da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, e de receber as mais importantes honrarias jurídicas que alguém jamais poderia ambicionar, continuou a lecionar com o mesmo gosto, interesse e dedicação. Não faltava às aulas e nem as delegava a terceiros. Vi-as sempre com muita seriedade e importância. Ainda as mais simples e rotineiras, sobre temas banais, nunca eram menos do que magistrais conferências, que encantavam pela riqueza da exposição, pela elegância e clareza do estilo, pelo rigor da sistematização, pela erudição dos exemplos. Não me esqueço da ocasião em que, para demonstrar a necessidade de adaptação das normas jurídicas às diferentes condições do meio social, ao invés de apenas enunciar a exigência, como fariam tantos, invocou a carta em que Fradique Mendes censurava o alfaiate Sturm por não ter sabido cortar, de acordo com a personalidade do cliente, a casaca encomendada (*Obas de Eça de Queiroz*, Porto, Lello, 1966, v. III, p. 841). Em outra oportunidade, para sublinhar a importância de rápida aplicação das leis trabalhistas, lembrou que o trabalhador não podia fazer como o pastor Jacob, que, depois de servir sete anos Labão, esperando receber Raquel, quando frustrada a expectativa, afirmou: “*mais servira, se não fora pera tão longo amor tão curta a vida*” (Luís de Camões, *Sonetos*, Lisboa, Clássica Editora, 1969, p. 91). Bem por isso, formou-se, entre os seus alunos, uma legião de admiradores.

Os textos que Octavio Bueno Magano deixou, ao lado do impecável estilo, timbram pela profundidade, pela inteligência e pelo valor teórico. Ainda hoje não há como conhecer o Direito do Trabalho no Brasil sem consultar o seu precioso *Manual de Direito do Trabalho*, de notável riqueza, que, em quatro volumes, percorre a matéria até esgotá-la. Os demais livros que publicou, tais como “*Os grupos de empresa no Direito do Trabalho*”, “*Do poder diretivo do empregador*” “*Convenção coletiva de trabalho*” “*Contrato de prazo determinado*” “*Dicionário jurídico-econômico das relações de*

Professor Associado do Departamento de Direito do Trabalho e Seguridade Social da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

trabalho” “*Primeiras lições de Direito do Trabalho*” e os quatro volumes do “*Política do trabalho*” além de outros, são obras de referência, a todo instante lidas e citadas, que fizeram doutrina e influenciaram e influenciam a jurisprudência.

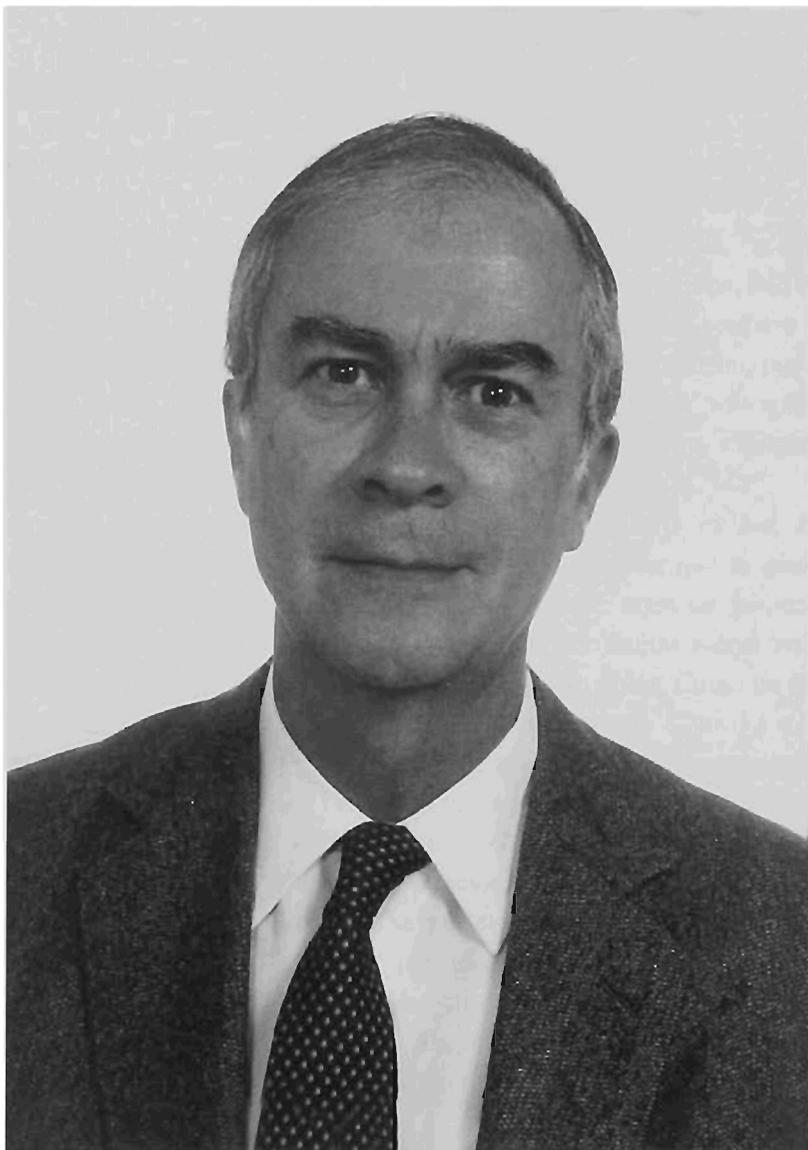
Como advogado, Octavio Bueno Magano era *primus inter pares*. Tratava os mais difíceis problemas com a segurança e a tranqüilidade dos mestres. Encontrava alternativas onde todos os demais só viam obstáculos e escolhos. Os arrazoados que redigiu estão repletos não-somente da mais sólida e segura argumentação jurídica como, ainda, de lições de graça e de aiosidade no escrever. Preocupava-se com o conteúdo e com a forma, pois, como diria Rui Barbosa, que ele muito apreciava, “*a inteireza do espírito começa por se caracterizar no escrupulo da linguagem*” (*Réplica*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1953, II, n. 426, p. 307). Quando ocupava a tribuna, brilhava com a eloqüência própria dos verdadeiros oradores, que dominam, por completo, a palavra falada. Todos o ouviam, com interesse, atenção e admiração. Não apenas dizia o que, do ponto de vista técnico, era necessário. Fazia-o de forma cativante e com encantamento. Mais do que convencia. Maravilhava e arrebatava.

Com a oportunidade que tive ou privilégio, seria melhor dizer de conviver mais amiúde com Octavio Bueno Magano, pude perceber que as qualidades do advogado e do professor, que de início tanto impressionavam, eram um pequeno detalhe da sua notável e esplêndida personalidade, ornada ainda por muitas outras virtudes. Era autêntico e sincero. Defendia suas crenças e convicções com ardor. Como os verdadeiros humanistas, porém, estava sempre com espírito aberto, disposto a ouvir e a refletir, para eventualmente reconsiderar suas conclusões. Não se apegava a idéias preconcebidas e sua inteligência era penetrante e aguçada. De outro lado, à inflexível correção de caráter aliava a gentileza própria dos grandes, tratando todos com generosidade e distinção. Tinha sempre, nas mais variadas situações ou momentos, um dito amável ou uma palavra elegante para dirigir àqueles com que se relacionava. Sabia incentivar colegas e companheiros, com os elogios adequados, fazendo, com o talento referido por Sêneca, “*um terreno diminuto prestar-se...às mais diversas e incríveis aplicações*” (*Da tranqüilidade da alma*, X, 3). E mesmo nas ocasiões mais difíceis – e todos nós passamos por elas em alguma quadra da vida – nunca se deixou abater nem pôs de lado a gentileza e a delicadeza.

Em síntese, Octavio Bueno Magano foi realmente uma pessoa extraordinária. Foi como poucos. Será sempre lembrado por todos com saudade, ainda mais intensa e sentida por quem pôde conhecê-lo e privar de sua preciosa e inesquecível companhia. Dizer mais é até mesmo difícil. As palavras nem sempre expressam bem o que se sente e, na verdade, “*não há palavra que valha um abraço quando ele vem do*

coração”, como escreveu Saramago (Cadernos de Lanzarote, Lisboa, Caminho, 1998, V. p. 92). Fica, pois, o abraço dos amigos, representado pelos textos que compõem a presente coletânea.

São Paulo, novembro de 2005.



Professor Titular Octávio Bueno Magano